

Dissidência corporal e monstruosidade em *Monstrans*: experimentando horrormônios

Body dissidence and monstrosity in *Monstrans*: experimentando horrormônios¹

Ícaro Silva Gonçalves²

Universidade Federal de Santa Maria

 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e218395

Resumo

Em 2021, o quadrinista Lino Arruda publicou a história em quadrinho *Monstrans: experimentando horrormônios*, onde explora as suas experiências como pessoa com deficiência, transmasculina e com lesbianidade, representando-se com uma forma mutável entre humano e criatura. O estudo desenvolvido aqui busca analisar esta representação, levantando questões de corporalidades dissidentes, gênero e sexualidade, observando como estas são representadas pelo quadrinista ao narrar e ficcionalizar suas próprias vivências. Para tal, são consideradas as teorias de Groensteen (2015) e Baetens e Frey (2015) sobre quadrinhos, a análise das representações gráficas do horror por Reijonen (2021), a tese de Klinger (2012) sobre escrita de si, bem como a 17^a edição de *Problemas de gênero* (Butler, 2019) e o discurso de Paul B. Preciado à academia de psicanalistas em 2019, *Eu sou o monstro que vos fala*, no qual faz observações sobre vivências trans na psicanálise.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Gênero. Sexualidade. *Monstrans*.

Abstract

The cartoonist Lino Arruda published the graphic novel *Monstrans: experimentando horrormônios* in 2021, where he explores his experiences with disabilities, transmasculinity, and lesbianity, representing himself shifting shapes between human and creature. The study developed here seeks to analyze this representation, raising questions of dissident corporealities, gender and sexuality, observing how they are represented by the cartoonist as he narrates and fictionalizes his own experiences. Thus, the theories developed by Groensteen (2015), and Baetens and Frey (2015), the analysis of graphic representation of horror by Reijonen (2021), Klinger's thesis on

¹ Apresentado na Seção Temática 1 - "Quadrinhos, História e Sociedade", modalidade remota, em 22 ago. 2023. Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5HS4XpTKNI>. Acesso em: 24 dez. 2023.

² Possui Licenciatura e Bacharelado em Tradução pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2020). Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista da Capes desde 2022. Participa do Grupo de Pesquisa Oficinas de escrita, histórias em quadrinhos e tradução: teoria da literatura e práticas literárias (GPOQT), desenvolvendo pesquisa sobre histórias em quadrinhos.

writing of the self (2012), as well as the 17th edition of *Gender troubles* (Butler, 2019), and Paul B. Preciado's speech to the academy of psychoanalysts in 2019, *Can the monster speak?*, where he makes observations on trans lives in psychoanalysis theory, were considered in the study.

Keywords: Graphic novel. Gender. Sexuality. *Monstrans*.

Introdução

Monstrans: experimentando horrormônios (2021) é um quadrinho composto por uma introdução, seguida por três histórias: “Terapia de conversão”, “Segunda natureza” e “Eu ainda fui”, nas quais o quadrinista Lino Arruda desenvolve uma autobiografia com elementos ficcionalizados, narrando suas experiências como pessoa com deficiência, lesbianidade e transmasculinidade, conectando estes três aspectos de sua vivência.

Para tal, o autor usa imagens que remetem ao grotesco, desde sua representação explícita de ferimentos, um corpo que transita entre humano e animalesco e monstruosidades amorfas, apresentando uma realidade e corporalidade dissidentes, tanto a respeito do seu gênero e sexualidade quanto na sua própria estrutura óssea, por ser uma pessoa com deficiência. São explorados na narrativa o reconhecimento do autor-personagem com o próprio corpo, bem como as interações das pessoas (família, médicos, colegas de escola, parceiras românticas e sexuais, além da sociedade em geral) com ele, o desenvolvimento e compreensão de Lino Arruda sobre sua própria identidade e os conflitos internos e externos durante este processo.

Assim, a representação destes conflitos internos e externos por meio da visão de uma pessoa transmasculina, discorrendo sobre suas próprias experiências de vida, permite que o leitor compreenda a complexidade destas dinâmicas. Na primeira parte do quadrinho, “Terapia de conversão”, Arruda explora principalmente sua infância e o início da adolescência, colocando-se como alguém que nunca se encaixou nos padrões de gênero impostos, além de ressaltar o impacto que ser uma pessoa com deficiência teve em seu desenvolvimento. Isto é exemplificado na figura 1, na qual Lino vai para uma fisioterapeuta e, como ele coloca, aprende a forma que o mundo vê o seu corpo:

Figura 1 - Lino observa seu corpo em um espelho durante a fisioterapia.



Fonte: Arruda, 2021, p. 22, quadro 7. Acervo do autor.

Ainda na figura 1, é demonstrada uma estratégia muito utilizada pelo autor no decorrer da narrativa. Para demonstrar visualmente a sua percebida inadequação para certas atividades, espaços, ou mesmo postura, Arruda contrasta a sua representação como uma figura humana, que seria uma tentativa de adequação, com uma imagem monstruosa, ou seja, a manifestação da sua diferença, um possível retrato da maneira que se sentia durante estas situações. Desta forma, as imagens criam uma dinâmica visual entre o real e o ficcionalizado, o que é subjetivo ao autor-personagem, permitindo uma leitura com mais nuances na sua compreensão.

1 - Objetivos

Considerando, assim, o conteúdo da história em quadrinhos em questão, busca-se estudar a representação de uma vivência e corpo transmasculino através das experiências reais de Lino Arruda, ressaltando as constantes metamorfoses e transformações retratadas no quadrinho. Durante a narrativa, principalmente durante sua infância, Lino Arruda contrasta constantemente sua forma “humana”, ou seja, sua aparência enquanto é observado e compelido a se adequar corporalmente às expectativas da sociedade ao seu redor; e a sua aparência “monstruosa” ao deixar que seu corpo tome a forma que vê como natural, algo muito influenciado pela sua deficiência, contrapondo, conseqüentemente, a “norma” e “humanidade” como conceitos que refletem a realidade, questionando a sua veracidade e constância na vida das pessoas e as construções – de gênero, de corpos, de existência – refletindo o conflito interno do autor-personagem, convidando o leitor a questionar também estas questões ao explicitar o desconforto e os dilemas ilustrados no quadrinho.

2 - Metodologia

Durante a narrativa, principalmente durante sua infância, Lino Arruda contrasta constantemente sua forma “humana”, ou seja, sua aparência enquanto é observado e compelido a se adequar corporalmente às expectativas da sociedade ao seu redor; e a sua aparência “monstruosa” ao deixar que seu corpo tome a forma que vê como natural, algo muito influenciado pela sua deficiência, contrapondo, conseqüentemente, a “norma” e “humanidade” como conceitos que refletem a realidade, questionando a sua veracidade e constância na vida das pessoas e as construções – de gênero, de corpos, de existência – refletindo o conflito interno do autor-personagem, convidando o leitor a questionar também estas questões ao explicitar o desconforto e os dilemas ilustrados no quadrinho.

Desta forma, o desenvolvimento do trabalho é feito a partir da análise das imagens do autor-personagem Lino Arruda, observando a maneira com que o autor se retrata no quadrinho. Portanto, a metodologia de pesquisa envolve o estudo das imagens e do texto dos quadrinhos, contrastando-os para a criação de uma compreensão da narrativa. Além disso, observa-se a forma que as

imagens tomam, a humanização ou desumanização retratadas nelas e como isto reforça a narrativa.

3 - Referencial teórico

Considerando o conteúdo elaborado pelo autor, o quadrinho analisado é uma obra autobiográfica, com algumas características de auto-ficção, observadas principalmente na construção da imagem do autor-personagem, que não transita apenas na sua idade e gênero, mas também em uma forma humana e de criatura, como uma alegoria visual para o sentimento de pertencimento ou o estranhamento pelo qual ele passa no momento da narrativa. Observando estas questões, é usada a tese de Klinger (2012) acerca do que identifica como “escritas de si”.

Sobre o aspecto do meio pelo qual a narrativa é contada, ou seja, quadrinhos, o trabalho busca analisar a maneira na qual as imagens criadas delineiam o seu processo de desenvolvimento de identidade, resgatando a ideia de uma monstruosidade para ressaltar o afastamento entre a sua existência e o que é visto como “norma”. O desenvolvimento da pesquisa, então, baseia-se em questões de composição dos quadrinhos, focando nos conceitos de Groensteen de solidariedade icônica e na ideia da imagem como enunciável, descritível e interpretável levantada pelo autor (2015, p. 114); também são observados os efeitos da composição da página e do estilo do quadrinista como forma de assinatura estética, como colocam Baetens e Frey (2015), estudando possíveis influências artísticas e os efeitos causados pelo estilo do desenho, explorando como o grotesco e o monstruoso referenciado no título da história fazem parte da estética produzida pelo autor, que se apossa de alegorias monstruosas para enfatizar sua identidade, tanto como pessoa com deficiência como pessoa *queer*, usando como base para este ponto a dissertação de Reijonen (2021), na qual expõe as variações gráficas nos quadrinhos que ocorrem e criam sentimento e atmosfera do macabro.

No que compete à identidade da personagem, são aplicadas as teorias de Judith Butler (2019) em *Problemas de gênero*, colocando gênero e mesmo o corpo como construções culturais não fixas, assim como Paul B. Preciado no seu discurso *Eu sou o monstro que vos fala*, em que, assim como Lino Arruda,

retoma a ideia de uma monstruosidade frente à norma, afirmando que “O monstro é aquele que vive em transição.” (2019, p. 21), ideia refletida no quadrinho na constante mudança na forma – ora humana, ora criatura – do autor-personagem.

4 - Análise de dados

Monstrans: experimentando horrormônios, criado por Lino Arruda e publicado em 2021, conta a história do autor, focando nos seus obstáculos com questões de gênero, sexualidade e capacitismo encontrado na sociedade. Assim, esta obra é uma autobiografia, sendo que, devido à construção das imagens, considerando especialmente as figuras monstruosas que aparecem no correr da narrativa, principalmente referentes à personagem-autor, pode ser compreendida também como uma auto-ficção. Na sua tese de doutorado, Klinger (2006) define esta categoria como uma forma de “escrita de si”; ou seja, uma maneira de criar uma narrativa sobre a própria vida do escritor, além de diferentes jeitos de compreender esta história, pensando no sujeito moderno como um “sujeito não essencial, incompleto e suscetível de auto-criação.” (Klinger, 2006, p. 45).

Para a análise da narrativa, considera-se a solidariedade icônica como definida por Groensteen (2015), além das questões de estilo pessoal do quadrinista e manifestação visual das personagens (Jan; Frey, 2015), possibilitando determinar uma constância sobre a aparência mutável da personagem de Lino, que varia de idade, gênero e até mesmo espécie, ao se retratar como uma criatura híbrida. Assim, no decorrer de *Monstrans*, a imagem de Lino é inconstante, não apenas por mostrar a infância e vida adulta da personagem, apresentando-o como uma criança com códigos sociais associados à feminilidade e, posteriormente, masculinidade; considerando o conceito de Butler (2019) sobre gênero como performance, este se modifica com o passar do tempo, refletindo a subjetividade da pessoa. Além disso, a figura do autor-personagem também transita entre humano e monstruoso, retratando a sua construção e a maneira que se encaixa ou não na sociedade, como é exemplificado na imagem a seguir (figura 2).

Figura 2 - Lino na aula de balé.



Fonte: Arruda, 2021, p. 25, quadro 8. Acervo do autor.

A figura 2 mostra uma cena de Lino na aula de balé, uma atividade vista socialmente como tipicamente feminina. O autor explica que nunca se sentiu confortável no ambiente, afirmando que os espelhos pareciam ressaltar seu desconforto por não se sentir pertencente ao ambiente. Isto é exemplificado na figura acima, ao retratar uma situação na qual Lino não conseguiu realizar um passo de dança que foi requerido. Esta dificuldade é representada pela sua transformação em um monstro no decorrer do movimento. A modificação corporal pela qual o autor-personagem passa é uma representação concreta do sentimento abstrato de não pertencimento e diferença que Lino experiencia no quadro.

No decorrer da narrativa, o autor representa a sua alteridade a partir da imagem do monstro, indicando uma reivindicação de uma posição marginalizada, abraçando, assim, as marcas da sua diferença e, como coloca Preciado (2019, p. 50) “[...] corpos outrora monstruosos [...] falam e produzem conhecimento sobre si mesmos.”, conectando-se à estética do terror, descrita como “monstruosamente diversa” (Reijonen, 2019, p. 14), assim como a identidade e a representação da vivência do autor-personagem. A imagem da criatura na qual autor-personagem se transfigura, além de outros elementos monstruosos recorrentes na narrativa, como as figuras que aparecem na

Introdução após Lino inspecionar a sua acne – bem como a acne em si –, remetem ao horror nos sentimentos de desconforto, repulsa e isolamento que causam no leitor. Reijonen (2019) aponta diferentes formas nas quais o horrível é retratado, ressaltando, entre elas, o uso do que podem ser compreendidas como “entidades horríveis”, ou seja, criaturas que desafiam o que é previamente estabelecido como familiar (monstros, por exemplo). Este processo de desfamiliarização das figuras causaria sentimentos de confusão, rejeição e medo nas pessoas, sentimentos e estéticas associadas ao horror (Reijonen, 2019, p. 43). Em *Monstrans*, a representação do autor-personagem muda constantemente entre humano e monstruoso, desfamiliarizando não apenas o leitor desta figura, mas todo o contexto no qual está inserido, já que é o único personagem que passa por estas transformações. Desta forma, além da estética do terror associada às imagens usadas pelo quadrinista, o sentimento de isolamento e solidão também perpassa a narrativa.

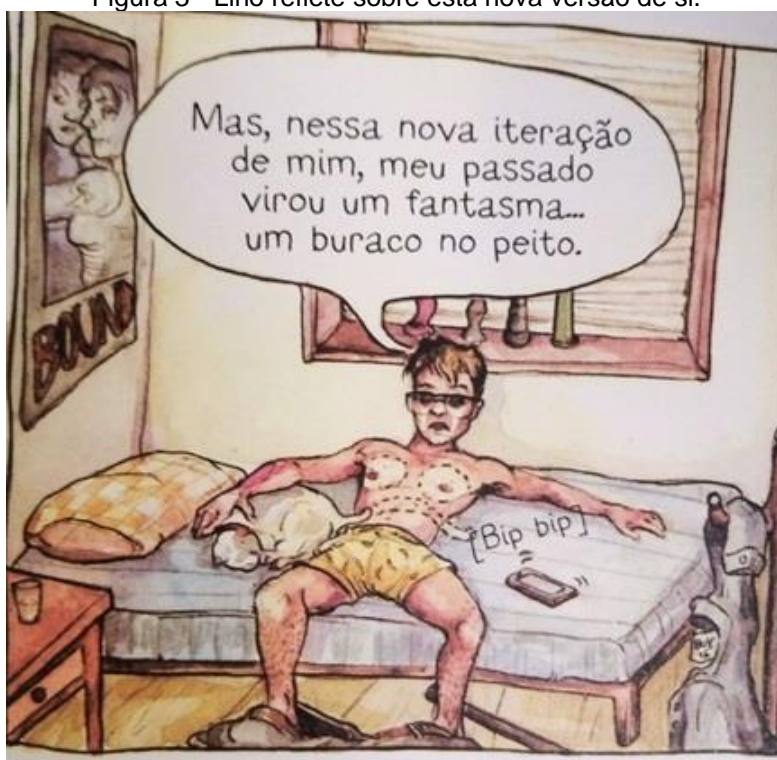
Sobre a construção de personagens em quadrinhos, esta ocorre não apenas através de elementos semânticos, mas pelos icônicos também, como colocam Baetens e Frey (2015, p. 174, tradução nossa) ao afirmar que: “Basicamente, o que somos confrontados até o último quadro não são os *pensamentos* da personagem [...], mas o *corpo* da personagem, mais especificamente a sua *face*.”³ Esta manifestação em nível visual faz com que os leitores tenham uma imagem mais concreta da corporalidade das personagens, além de permitir que os quadrinistas possam também desafiar esta compreensão, criando figuras instáveis e mutáveis, indicando a transformação como algo central à narrativa, como é o caso de *Monstrans*.

No ponto da construção da imagem da personagem do seu próprio ponto de vista, observa-se como as construções de gênero feminino e masculino, além da consequente subversão apresentada por Lino na narrativa, reflete a ideia de gênero e o corpo em si convenções culturais e sociais (Butler, 2019). O autor coloca a sua identidade e seu corpo como uma construção, sendo que nenhuma parte sua é realmente perdida, porém “reformada” de acordo com o que precisa e deseja do seu corpo. Esta questão, porém, traz sua própria angústia ao criar

³ Basically, what we are confronted with until the very last panel is not the character's *thinking* [...], but the character's *body*, more specifically the character's *face*.

uma cisão entre experiências passadas e presentes. Na segunda parte da história em quadrinhos, Lino Arruda reflete sobre o que passou quando mais jovem, quando se identificava como mulher lésbica e como, após certo tempo dentro de sua transição e desenvolver certas características lidas como masculinas, seu presente se diferencia. Contudo, ele ainda possui todas as suas vivências anteriores, causando uma angústia ao refletir sobre esta identidade formada por experiências tão diferentes (Figura 3).

Figura 3 - Lino reflete sobre esta nova versão de si.



Fonte: Arruda, 2021, p. 51, quadro 6. Acervo do autor.

Na figura 3, o autor-personagem afirma que sente seu passado como um fantasma, referenciando uma identidade anterior que não pode retornar senão como um espectro, algo afastado do seu presente, mesmo que ainda seja carregada por ele em suas experiências e reações frente ao mundo. Isto retorna ao conceito que Klinger (2006) traz ao colocar a escrita de si como uma tentativa de construção do “eu” partindo de sujeitos que se percebem como fragmentados.

No terceiro capítulo, esta fragmentação do sujeito retorna tanto textualmente quanto nas imagens. Nesta parte, o autor relata uma visita que fez junto com a mãe ao avô que estava no hospital, na qual ele não o reconheceu, apesar de estar seguindo o máximo possível os códigos da feminilidade anterior.

Isto faz com que o autor-personagem se sinta descolado da sua identidade, da sua existência. Arruda representa este sentimento ao retratar a sua figura inicialmente como humana, mas que, no decorrer desta conversa na qual o avô não o reconhece, gradualmente se desfaz, perdendo qualquer tipo de identidade e mesmo humanidade (figura 4).

Figura 4 - Lino “derrete” ao não ser reconhecido pelo avô.



Fonte: Arruda, 2021, p. 76, quadro 1.

Portanto, na figura 4, Lino Arruda encontra-se impossibilitado de participar da interação, privado de reconhecimento e identidade. Assim, o autor-personagem se observa como uma “composição incoerente de carne, sem história, sem rosto e sem nome correspondente.” (Arruda, 2021, p. 76). A imagem de Lino, neste caso, é desforme, sem uma identidade definida, em contraste com as suas representações anteriores, trazendo consigo a angústia interna de não ser reconhecido como si mesmo. Este não-lugar identitário retoma a solidão que percorre o quadrinho, remete novamente à imagem do monstro, indicada pela figura derretida do autor-personagem, aludindo à ideia levantada por Preciado (2019, p. 21) em seu discurso de que “O monstro é aquele que vive

em transição.” (p. 21). Assim, não há necessariamente um ponto final para a transição ou para a construção de uma identidade. É um processo constante de conhecimento e formação de si, buscando uma auto-visão e, também, reconhecimento de outros.

Considerações finais

Como consequência do gênero auto-biográfico, *Monstrans* é uma narrativa centrada na construção e desenvolvimento de uma personagem. Suas ações, emoções, complexidades e reflexões são delineadas pela presença de recordatórios durante a infância, porém, no retrato da vida adulta, este narrador aparece não apenas nos cantos dos quadros (figuras 1 e 4), mas também dentro dos balões de fala, indicando uma reflexão solitária da personagem, como é visto na figura 3.

Portanto, o trabalho desenvolvido aqui buscou estudar a representação de corporalidades diversas em uma história em quadrinhos, considerando o meio em que ela foi feita, o estilo do quadrinista e a construção visual do autor-personagem dentro da obra. Enfatizou-se, aqui, a representação do sentimento de alteridade, a dissidência de gênero e sexualidade, além da questão da deficiência a partir da imagem da “monstruosidade” internalizada na personagem.

Assim, a composição das imagens, principalmente no que compete os traços de Arruda, considerando o que é colocado por Baetens e Frey (2015), permite a construção do contraste entre formatos humanos e monstruosos. Desta forma, constrói-se o inquietante e desconfortável na narrativa, aproximando o horror e o grotesco da história (Reijonen, 2021). Isto é feito principalmente através dos elementos pictóricos, permitindo um aprofundamento da compreensão dos leitores sobre as nuances do quadrinho, pensando nas questões colocadas por Groensteen (2015) acerca das dinâmicas das ilustrações.

Referências

ARRUDA, Lino. *Monstrans: experimentando horrormônios*. Campinas, SP: Ed. do Autor, 2021.

BAETENS, Jan; FREY, Hugo. *The graphic novel: an introduction*. Nova York: Cambridge University Press. 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. 17.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial. 2015.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

REIJONEN, Tiia. *Something terrible; or, how graphic style shifts are used to depict the horrific in contemporary horror comics*. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Mídia, Design de Comunicação Visual, Aalto University, 2021.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: informe para uma academia de psicanalistas*. 2019.

Recebido em: 07.11.2023.

Aprovado em: 23.12.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional